

Crise

Partidos alemães apoiam reestruturação da dívida portuguesa

Pedro Duarte

02/12/10 11:22



Representantes dos principais partidos germânicos manifestaram-se hoje a favor de uma reestruturação da dívida dos países em dificuldades.



"Se queremos ter uma solução para o problema dos países insolventes", como é o caso da Grécia, Irlanda e Portugal, "então vamos ter que ter uma reestruturação da dívida destes países, e os detentores das suas obrigações terão que suportar parte das perdas", afirmou hoje aos jornalistas Ralph Brinkhaus, membro do comité de Finanças do Parlamento alemão por parte da CDU, o partido da chanceler Angela Merkel.

A mesma opinião é partilhada por Lothar Binding, deputado alemão pelo partido social-democrata na oposição e membro do comité parlamentar para o orçamento, para quem "todos os participantes na crise – incluindo os que emprestaram dinheiro aos países insolventes – tem que assumir as responsabilidades pelo que fez".

Notando que "é difícil" explicar aos contribuintes germânicos porque é que têm que contribuir para os resgates de outros países da União Europeia, ambos os parlamentares defenderam a necessidade da criação de "uma base comum de valores" relativos à governação económica dos países, que seria depois usada na Europa como um guia que regulasse o modo como os governos deverão reger as suas Finanças, de modo a terminar com a corrupção e erros de julgamento que têm marcado a governação dos países mais afectados pela crise.

"Mas temos que proceder com cautela. Temos uma espécie de 'have espacial' chamada Bruxelas, mas que perdeu o contacto com as pessoas na rua de todos os países europeus. Por isso é necessário explicar correctamente à população o que está em jogo", acrescentou Brinkhaus.

Já Binding sublinhou que, embora o fim ou uma eventual divisão do euro em duas zonas esteja completamente fora de questão para todos os grandes partidos alemães, "é necessária uma maior convergência entre todos os países da zona euro", sendo o facto do IRC irlandês ser dos mais baixos da Europa um obstáculo a este aumento de cooperação, advogando um aumento por parte de Dublin da sua taxa de imposto sobre as empresas.

Relativamente ao facto dos detentores de obrigações poderem vir a sofrer perdas com uma possível reestruturação da dívida dos países com problemas financeiros, este responsável precisou que esta redução "não significa que percam todo o investimento, apenas uma parte. O que queremos evitar é que o fardo do resgate dos países recaia sempre sobre os mais pobres".

O parlamentar social-democrata explicou ainda que a principal preocupação da liderança alemã não é a perda de competitividade do país para outros estados europeus, mas sim para as grandes economias emergentes.

"Os nossos alvos são a Índia, a China e os outros países emergentes. Se perdermos competitividade, são eles que vão ficar com a nossa quota de mercado. No caso de uma firma alemã perder um contrato, ele não irá para uma outra companhia europeia, mas sim uma empresa da China, ou da Índia", precisou.